



## AS IDADES DO ESPÍRITO

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Com grande cautela, dividiremos as idades do espírito em adolescência, juventude, maturidade e idade da sabedoria. Essa divisão já revela duas diferenças importantes em relação às idades do ser humano. Em primeiro lugar, a infância espiritual não está no início, antes da adolescência, mas no final: é o ápice da vida cristã, é uma das características da idade da sabedoria. Jesus disse que, se não nos tornarmos como crianças, não poderemos entrar no Reino dos Céus (Mt 18,3), afirmando com isso que certas atitudes próprias da infância são necessárias para participar de sua amizade: pequenez e dependência diante de Deus Pai, docilidade e abertura a sua palavra, total confiança nele. A segunda diferença está em que a velhice, etapa final das idades do ser humano, não existe no itinerário do espírito, cuja última etapa é a sabedoria, que está unida a um rejuvenescimento do espírito, a já mencionada “infância espiritual”.

Convém recordar ainda que, nas idades do espírito, assim como sucede nas outras idades do ser humano ou da natureza, os momentos em que se passa de uma etapa para outra não são bem definidos nem repentinos. A etapa que está para vir antecipa-se pouco a pouco, e a que fica para trás prolonga-se por um tempo na seguinte.

*A ideia é ler o texto com lápis na mão, para sublinhar o que chama a atenção, principalmente o que se identifica com o que você está vivendo hoje. Além disso, poderá escrever outros alcances, reflexões ou ideias que nasçam a propósito da leitura.*

### I. Adolescência espiritual

O que chamamos adolescência espiritual marca o início de um cristianismo interiorizado e em processo de crescimento, isto é, quando a pessoa começa a ter uma espiritualidade, quando deixa de ver o cristianismo como algo exterior à própria vida. O dia em que Deus faz-nos descobrir que a religião é uma vida interior, que está chamada a crescer e a influir em todos os aspectos da vida cotidiana, esse é o momento de nossa primeira conversão. Um livro, uma homilia, uma amizade, alguma reunião etc. Deus serve-se de muitas oportunidades.

Interiorização e crescimento. Essas descobertas marcam o início de um itinerário espiritual apaixonante. Com a interiorização brota a oração pessoal, íntima, face a face com Deus, para além da oração vocal somente. Tomar consciência de que a fé religiosa é uma vida chamada a crescer convoca-nos a ir além, buscando superar nossos defeitos e mediocridades, e não apenas evitar pecados deliberados. Ou seja, a conversão, como empenho permanente da vida cristã, começa a fazer parte de nossa nascente.

Isso nos leva a descobrir nossa verdadeira realidade interior. De um lado, estão nossos bons desejos e ideais, assim como as qualidades e graças que Deus nos doa. De outro, tornamo-nos mais conscientes de nossos pecados e defeitos habituais, de nosso egoísmo latente e do fato de que não aprendemos a amar. O descobrimento desse mundo interior de conflitos desconcerta-nos.

É também a idade do espírito, na qual buscamos conhecer melhor o cristianismo. Abrimo-nos à novidade cristã. Começamos a ler alguns livros, sobretudo a Bíblia, e procuramos rezar e participar da eucaristia com frequência. Nessa etapa costumamos adquirir nossa formação cristã básica. Para muitos, é a etapa em que se descobre Jesus como um amigo: já não é somente Deus, mas revela-se a nós em sua humanidade e amizade, e podemos iniciar com Ele uma relação pessoal e afetiva.

No entanto, essa idade espiritual é eminentemente volúvel e por vezes efêmera, pois ainda está dominada pelos sentimentos e pela devoção sensível. Se “sentimos” fervor, entregamo-nos com generosidade a práticas de piedade e a obras de caridade e de serviço em algum grupo da Igreja. Queremos ser santos e sentirmo-nos santos. Em algum momento até consideramos a possibilidade de nos comprometer com opções radicais: a vocação religiosa, as missões, a inserção entre os pobres etc. No entanto, com frequência tais arroubos duram pouco e, ao se apagar o fervor sensível, tudo volta para trás, e retornamos à tibieza anterior. Mais adiante temos outra injeção de entusiasmo, e assim sucessivamente.

Ainda falta à adolescência espiritual a fé sólida e constante, porque muitas vezes o sentimento religioso, que é volúvel, ocupa o lugar da fé. E esta não é puro sentimento, mas, acima de tudo, convicção da inteligência e opção da vontade, inspirada e sustentada pelo Espírito Santo e pela palavra de Cristo. O adolescente de espírito necessita, mais que ninguém, escutar e meditar essa palavra, que o fará avançar decisivamente em seu itinerário espiritual.

Para o adolescente espiritual, não basta ler e ouvir essa palavra: é preciso tornar-se transparente a ela, que é o mesmo que tornar-se transparente a Cristo. A transparência de espírito é condição indispensável para a verdadeira conversão a Jesus. A transparência é uma virtude que caminha em duas direções. Pela primeira abrimo-nos e nos expomos, sem colocar obstáculos nem ocultar nada, à luz de sua palavra, que deseja chegar ao mais profundo de nossa alma. Pela segunda, não mentimos a Jesus, que seria mentir a nós mesmos, ao querer negar ou dissimular as sombras que sua luz revela em nosso interior. Sem transparência, sem sinceridade com o Senhor, seu Espírito não pode penetrar em nós, para nos convertermos a Ele e dissipar essas sombras, que não nos permitem aceder à liberdade de espírito e ao crescimento espiritual.

## **II. Juventude espiritual**

Uma das características que marca essa etapa é o fato de a relação com Cristo estar cada vez mais baseada na consciência de discipulado, que nos leva a imitá-lo e segui-lo, e a trabalhar pela sua causa. Jesus não é predominantemente refúgio, consolo, amigo que se compreende, mas principalmente ideal de vida. Estamos agora mais dispostos a nos sacrificar por Jesus e por sua causa, que é também a causa da Igreja. Antes apenas recebíamos da Igreja. Agora, queremos contribuir com ela, da qual nos sentimos parte ativa.

Nessa etapa espiritual, o amor cristão torna-se mais forte e estável, pois está arraigado na vontade, mais que nos sentimentos. Por isso é a etapa em que a pessoa encontra-se em condições de fazer opções válidas, seja no campo das diversas vocações da vida cristã, seja no campo dos diversos serviços apostólicos. O compromisso com o próximo é visto como essencial à espiritualidade, da mesma forma que a dimensão social da ética e suas consequências políticas.

De fato, nessa etapa espiritual, que é cheia de entusiasmo, acentua-se a atração pelas opções radicais inspiradas no Evangelho. Essa atração é acompanhada de incoerências entre o que se pensa e se diz e o que realmente se faz. É a etapa da concepção heróica e intelectual do cristão, que nos leva facilmente a concordar com os que pensam como nós e a ser intolerantes com os que divergem, tanto na sociedade como na Igreja. É a etapa do espírito crítico agudo: conhecemos melhor a Igreja e temos mais experiência de suas riquezas e possibilidades, assim como de suas misérias humanas, e destas nos tornamos críticos e intolerantes, e, levados pelo idealismo, fazemo-nos reformadores improvisados.

Ainda amamos mais as ideias que as pessoas concretas, e nossa percepção das pessoas está condicionada à tendência de classificá-las. Mais que suas qualidades, sua sabedoria ou sua caridade, parece interessar-nos se são liberais, conservadores, progressistas, tradicionalistas etc. Ainda não alcançamos a experiência e a maturidade, a ponto de relativizar o que as pessoas pensam e valorizar o que são.

Desse modo, a juventude espiritual, além de ser a idade em que se consolida a vida cristã como seguimento de Cristo, é o tempo em se começa a experimentar, às vezes fortemente, suas inadequações, inseguranças e inconstâncias no caminho de seguimento. Começamos a desconfiar do futuro de nossa fidelidade, apesar do genuíno desejo de seguir o Senhor. É também o momento de aprofundamento da natureza desse seguimento e de purificação das autossuficiências, voluntarismos e impaciências, com suas sequelas de desânimo e temores.

Jesus nos propõe, ao nos chamar, que caminhemos com Ele, colocando nele toda a nossa confiança. De nossa parte, isso requer começar a ser humildes. Pois o início da humildade não consiste em não viver para si mesmo, em não caminhar só, em desconfiar de si mesmo e sentir que verdadeiramente necessitamos de Cristo. Este é o princípio da humildade: aceitar a Deus em nossa vida, em nossa origem, em nossa meta, em nosso percurso. Sem um abandono confiante em Jesus, que nos chamou, não há seguimento possível, pois segui-lo não é uma conquista nossa: é deixar-nos levar por Ele, sem colocar obstáculo, mesmo que não vejamos para onde estamos indo.

Por vezes, a falta de misericórdia infelizmente não se limita à relação com os demais. Acaba projetando-se em nós mesmos e em Deus. Quer dizer, custa-nos perdoar nossas próprias misérias, e transferimos essa atitude para Deus: também duvidamos de sua misericórdia conosco e do perdão que permanentemente nos oferece. Em algumas pessoas, isso leva ao afastamento de Deus, por uma espécie de questionamento radical da fé e da esperança.

Para muitos, essa costuma ser a etapa dos grandes questionamentos em torno da fé e, em geral, da religião. Dadas as características “radicais” dessa idade do espírito, alguns abandonam a fé e outros tomam o caminho da santidade.

### III. Maturidade espiritual

Nesta etapa, a vida cristã toma impulso e dinamismo decisivos. O que faltava era justamente a maturidade da experiência, que permite fazer síntese entre suas tendências contrastantes: generosidade e mediocridade, conquistas e fracassos. No entanto, não se amadurece sem crise. A fé e a caridade não podem purificar-se e crescer sem passar pela crise da aridez e das “noites”. Daí que a transição e o acesso à maturidade estejam caracterizados pela crise de crescimento. Alguns chamaram essa crise “demônios do meio-dia” ou “acédia” (cansaço do espírito). Seus sintomas são característicos e convidam cada um, de diversos modos, a se aferrar a fé e às motivações de ação inspiradas na caridade orientada pela vontade, e não pelos sentimentos.

A idade da maturidade de espírito corresponde a uma fé baseada primordialmente na Palavra de Deus e nas promessas de Cristo. As crises são superadas por uma nova conversão, que integra justamente a Palavra e a Promessa como cimento da fé, daqui em diante purificada e animada pela caridade.

A maturidade é a idade do espírito, no qual a pessoa torna-se mais apta para dar, para formar outros, para comunicar a experiência adquirida. É a etapa em que o serviço, a evangelização e toda forma de compromisso cristão realizam-se com maior profundidade e serenidade. A evangelização, a conversão e o advento da fraternidade e da justiça não seguem o caminho do espetacular ou das mudanças rápidas e quase milagrosas, como tínhamos imaginado quando começamos a trabalhar pelo Reino de Deus. Essa percepção livra-nos dos desânimos e decepções que a lentidão e o aparente fracasso do apostolado produzem, substituindo-os pela confiança e poder de Deus, que atuam com critérios que nem sempre são os nossos.

A maturidade espiritual é a etapa em que a vida cristã se consolida e em que conquistamos a síntese pessoal. Nossa espiritualidade adquire características próprias e pessoais. As pessoas já não influem tanto em nós, nem a última coisa que escutamos ou o último livro que lemos. Ao contrário, releemos os mesmos livros, aqueles que tinham sido fundamentais para nós. Já não seguimos pessoas e modelos humanos, como ocorria necessariamente nas primeiras etapas da espiritualidade: percebemos que o Espírito Santo vai tomando mais claramente a direção de nossa vida.

É a hora em que, o que nos mais interessa, é o sentido de nossa vida em si mesma. A maturidade espiritual contém um paradoxo. De um lado, ilumina-se o sentido da vida, que faz com que as pessoas comecem a valorizar o “ser”, mais que o “fazer”, isto é, tem mais importância a qualidade da vida cristã do que as conquistas, os cargos importantes ou os títulos que foram sendo adquiridos. Sucede que o ser e o fazer vão se integrando, o que fazemos torna-se mais de acordo com o que somos, em contraste com as idades anteriores, em que mostrávamos ou fazíamos mais do que éramos.

### IV. Sabedoria espiritual

Esta etapa é o cume e a consolidação da maturidade de espírito. A sabedoria de que falamos vai além da inteligência, do bom critério, dos conhecimentos acumulados ou da experiência. Isso tudo prepara a sabedoria espiritual, mas não a substitui. O acesso a essa forma de sabedoria é coerente com as últimas etapas da vida no espírito, caracterizadas pela progressiva “passividade”, no sentido de que a ação do Espírito na alma é mais direta e ostensiva. O acesso a essa forma de sabedoria significa que

Deus foi-se constituindo no direto e principal guia espiritual da pessoa. A sabedoria é, portanto, um dom. Nem todos o recebem, ou não o recebem no mesmo grau ou maneira. Para alguns, a idade da maturidade será mais preponderante em suas vidas.

A sabedoria é causa e resultado da progressiva simplificação da espiritualidade; vai projetando em nós a simplicidade e a eternidade de Deus. Ao crescer na sabedoria, vamos nos adequando à visão e valorização que Deus tem das coisas criadas. Iluminamos com essa luz todas as coisas, particularmente as que têm relação conosco. Colocamo-las diante da verdade, relativizamo-las. Assim sucede com nossas atividades, com nossos êxitos e fracassos, com as circunstâncias e as mudanças que afetam nossa vida, a vida do povo e a vida da Igreja: a tudo que antes dávamos excessiva importância, confundindo o contingente com o essencial.

Na idade da sabedoria, o espírito de contemplação e o sentido de Deus fazem-nos sentir, com mais força que nunca, a miséria e o pecado do mundo e nossa própria mediocridade. Somos mais conscientes de que tudo era misericórdia e graça, às quais não soubemos realmente agradecer, respondendo com indiferença e infidelidades.

Diante disso, as atividades a serviço do Reino de Deus e os meios de ação próprios da evangelização revelam-se insuficientes. O sentido de Deus toma novo aspecto: o chamado interior para que nos tornemos realmente redentores com Jesus, “completando em nós o que falta à paixão de Cristo, em benefício da Igreja e do mundo” (1Cl 1,24). Contudo, se essa idade é a mais contemplativa do itinerário espiritual, isso não significa que seja passiva ou individualista. Pelo contrário, a relação com as pessoas alcança grande maturidade evangélica, já que no cristianismo a contemplação é inseparável da caridade fraterna em todas as suas manifestações. Daí que, nunca antes, estivemos em condições de progredir em uma das experiências mais fundamentais da vida cristã: a síntese entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Em nosso caminho cristão, o objetivo dessa síntese havia sido uma busca árdua e permanente, continuamente ameaçada, tanto por nossos pecados e mediocridades, como pelas deformações de nosso temperamento, que nos levam a acentuar desequilibradamente um ou outro dos dois amores.

A sabedoria espiritual não é resultado de esforço pessoal, que poderia confundir-se com a aquisição da sabedoria humana. É resultado da crescente amizade com Deus, que projeta sua eternidade e sua paz no coração de seus discípulos. A sabedoria gera a verdadeira paz. Uma paz arraigada no fundo da alma, apesar da vida exteriormente agitada, aleatória e insegura: no fundo da alma criou-se um espaço, uma “célula” inviolável, onde habita o Deus da paz, ao qual se pode contemplar e acorrer permanentemente.

---

### **Para conversar**

- Que idade caracteriza-me neste momento da vida? Quais afirmações identificam, com mais força, meu estado?
- Que características eu gostaria de ter das outras idades?
- Como poderia crescer espiritualmente neste momento da vida?